

Relações Dialéticas em Paulo Freire e G. W. F. Hegel: práxis educadora como momento da liberdade

Rafael de Melo Ferreira
Fabrício Mendes Pereira

Como citar: FERREIRA, Rafael de Melo; PEREIRA, Fabrício Mendes. Relações Dialéticas em Paulo Freire e G. W. F. Hegel: práxis educadora como momento da liberdade. *In*: MIGUEL, José Carlos; BERSI, Rodrigo Martins (org.). **Educação de Jovens, Adultos e Idosos: marcos conceituais, práticas e políticas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p. 115-138. DOI: <https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-389-2.p115-138>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Relações Dialéticas em Paulo Freire e G. W. F. Hegel: práxis educadora como momento da liberdade

*Rafael de Melo Ferreira*¹

*Fabrcio Mendes Pereira*²

Introdução

O presente estudo tem como objeto estabelecer uma análise comparativa entre os pensamentos de Paulo Freire e G.W.F. Hegel no que diz respeito à educação, ou mais propriamente, à *práxis* educacional. Embora sejam pensadores separados no espaço e no tempo, ambos têm em seus pensamentos semelhanças e pontos em comum que podem convergir, pelo menos inicialmente, para um pensar sobre a educação escolar e, especialmente, sobre a educação de jovens e adultos. O primeiro autor apresenta uma longa carreira acadêmica no tocante à educação, tendo uma bibliografia intensa e profícua nessa área do conhecimento. O segundo, contudo, não possui uma obra exclusiva onde o objetivo seja pensar a educação. Todavia, isso não quer dizer que não possamos retirar de seus escritos *temas pedagógicos*.

1 Mestrando no PPGE da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: melo.ferreira@unesp.br

2 Mestrando da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: fabricio.mendes@unesp.br

Neste sentido, Paulo Freire compreende a educação como o processo pelo qual o ser-humano toma consciência de seu ser no mundo e, a partir dela, *transforma* sua realidade. A educação, nesse caso, é o *caminho* pelo qual o ser-humano se humaniza, e enquanto humanizado, é livre. Educar, em seu pensamento, não é a simples transmissão de conhecimentos e *narrativas*, é levar, aos *oprimidos* e aos *opressores* o *ser mais*.

Contudo, se a educação é formar o ser-humano para o seu *ser mais* é porque ele está numa condição de *ser menos*. Tal condição *aquém* de sua *vocação* é proposital e mantida. A condição do ser menos – oprimido – faz parte de uma dinâmica de relações com o mundo e, principalmente, com o outro; há oprimido porque há o opressor, e vice-versa. Há oprimido porque o opressor *necessita* do oprimido para ser opressor.

É uma relação *dialética*, isto é, as oposições – opressor e oprimido – não são independentes uma da outra, mas existem *mutuamente*. Ou seja, na vida em sociedade as relações são dialéticas porque existem mutuamente, isto é, só há opressor na mesma medida em que há oprimido. Assim como só há a categoria do educando porque há a do educador.

A existência - *dialética* - do opressor e do oprimido, da qual fala Freire, encontra suas raízes ideológicas no pensamento de Hegel, na medida em que aquele compreende o ser-humano como *resultado* entre vários fatores e que sua natureza é, também, histórica. O ser-humano não está posto, pronto e acabado, desde o nascimento até a morte, antes, em constante formação e mudança. A vida de todo ser humano está colocada em constante transformação e mudança.

Nesse sentido, para Hegel, todo sujeito consciência-de-si – está em relação com outras consciências. E tal relação *se põe* pela necessidade que as autoconsciências têm de existirem em relação umas com as outras. Seja porque elas estão compartilhando o mesmo mundo *ético*, seja porque precisam de *reconhecimento mútuo* para chegar ao conhecimento de si mesmas. Acerca desse pensamento, é conhecida a *Dialética do Senhor e do Escravo* que o Hegel apresenta em sua *Fenomenologia do Espírito*.

Nesta obra, Hegel objetiva libertar a mente humana – *consciência singular* – dos grilhões da dicotomia entre ser e não ser e elevá-la até o conhecimento absoluto. Hegel rompe com os princípios da *identidade*³ e da *não contradição*⁴, ao afirmar que ser e não ser constituem momentos diversos de uma mesma coisa. Ou seja, a verdade – que é totalidade – contém em si o que é e o que não é.

Assim sendo, Hegel, ao publicar a Fenomenologia, queria romper com a cisão entre ser e não ser e ir além da contradição pra se chegar a verdade. Ele afirma que somente a opinião comum vê o fim do movimento do conhecimento na contradição:

Com a mesma rigidez com que a opinião comum se prende à oposição entre o verdadeiro e o falso, costuma também cobrar, ante um sistema filosófico dado, uma atitude de

3 É o fundamento lógico que afirma que uma determinada coisa só pode ser idêntica a si mesma. Foi fundado por Parmênides na sua célebre frase: O ser é e o não ser não é.

4 Foi formulado, inicialmente, por Aristóteles. Segundo esse princípio ou uma coisa é ou não é. Não pode ser os dois ao mesmo tempo. A é B não pode existir concomitantemente com o A é não B. Ou será um ou será outro. Não há terceiro excluído.

aprovação e rejeição. Acha que qualquer esclarecimento a respeito do sistema só pode ser uma ou outra. Não concebe a diversidade dos sistemas filosóficos como desenvolvimento progressivo da verdade, mas só vê na diversidade a contradição. (HEGEL, 2016, p. 24)

Hegel objetiva, portanto, mostrar que na diversidade há mais do que a contradição, há também a *unificação*. Assim, a *Fenomenologia* descreve o *desenvolvimento* da consciência, partindo daquilo que é mais básico e fundamental até o mais complexo e elevado.

Portanto, a *Fenomenologia* é uma obra de difícil acesso, mas fundamental para a compreensão da História da Filosofia, aquela abarca um conjunto de conhecimentos e temas variados, passando por história, religião, política, arte e etc.

Nesse sentido, nenhuma outra passagem é mais emblemática do que aquela que está na seção A do capítulo IV intitulada *Independência e dependência da consciência-de-si: Dominação e escravidão*. Também conhecida como *dialética* do senhor e do escravo. Hegel começa a seção dizendo que “a consciência-de-si é *em si e para si* quando e por que é em si e para si para uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido.” (HEGEL, 2016, p. 142).

Para poder compreender a afirmação acima é necessário compreender alguns pontos importantes da filosofia hegeliana.

Pois bem, tal filosofia é *especulativa*, o que significa dizer que não está em repouso, mas em movimento (HEGEL, 2016). Ela não é *entendida* como aquela filosofia estática presa ao princípio da contradição ou princípio da identidade, antes, se mostra como a *união*. Em sua *Enciclopédias das Ciências Filosóficas em compêndio*

volume 1: *Ciência da Lógica* § 79, Hegel apresenta a lógica – que é também a realidade – é um todo composto de três partes: 1) *entendimento*; 2) dialético; 3) especulativo. “A lógica tem, segundo a forma, três lados: a) o lado abstrato ou do entendimento; b) o dialético ou negativamente-racional; c) o especulativo ou positivamente racional.” (HEGEL 1995, p. 159).

O entendimento é o primeiro momento da consciência e da lógica hegeliana. Entendimento é o lado da razão centrado na oposição. Na Fenomenologia esse momento da lógica começa com a figura da certeza sensível. É aquela forma de consciência – ou lado da lógica – fundamentada na dualidade entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido. Em outras palavras, a certeza sensível é a forma de conhecer que compreende o objeto conhecido e o sujeito que conhece como seres diferentes. Dizendo em outras palavras, há um mundo fora de mim e posso conhecê-lo através dos sentidos. É entendimento porque contém em si a separação (dualidade) entre o sujeito que conhece o mundo e o mundo em si. O sujeito é em-si:

O saber que, de início ou imediatamente, é nosso objeto, não pode ser nenhum outro senão o saber que é também imediato: - saber do imediato ou do essente. Devemos proceder também de forma imediata ou receptiva, nada mudando assim na maneira como ele se oferece e afastando de nosso apreender o conceituar (HEGEL, 2016, p. 83).

O lado dialético da Lógica é a passagem de um ponto a outro, mas ainda, sem unir as pontas. No caso da Fenomenologia o momento dialético é a passagem da certeza sensível para a certeza de si. Ou seja, na certeza sensível – marcada pelo entendimento – eu sei

que há um objeto diferente de mim – oposto. Sei de mim em oposição a outro. Todavia, na medida em que sei do objeto, sei de mim, afinal, ao perceber um objeto, percebo a mim mesmo. Ao perceber um objeto percebo que estou percebendo-o. O objeto, que era diferente, é ao mesmo tempo, não diferente, porque sou eu. Mas não quer dizer que o objeto não mais existe. De fato, a consciência é um outro em relação ao objeto, mesmo percebendo-se nele. O sujeito é para-si.

Surgiu porém agora o que não emergia nas relações anteriores, a saber: uma certeza igual à sua verdade, já que a certeza é para si mesma seu objeto, e a consciência é para si mesmo seu objeto, e a consciência é para si mesma o verdadeiro. Sem dúvida, a consciência é também nisso um ser-outro, isto é: a consciência distingue, mas distingue algo tal que para ela é ao mesmo tempo um diferente (HEGEL, 2016, p. 135).

No desenvolver da consciência no conhecimento de si e do outro, há o terceiro momento – lado –: o especulativo. Ele consiste na unidade entre os diferentes. O sujeito é em-si e para-si. Hegel nos dá um exemplo do especulativo – da unidade entre os diferentes:

O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários. É essa

igual necessidade que constitui unicamente a vida do todo (HEGEL, 2016, p.24).

Como exemplo simplório, mas didático, temos: Uma pessoa, que é ciumenta, mas que nunca se relacionou, não sabe que o é. Neste caso, é ciumenta em si. Após um tempo, começa a se relacionar e, neste caso, percebe-se como ciumenta. Ela é ciumenta para-si, percebeu. A princípio, ela pode dizer que é a natureza dela ser ciumenta, mas com o passar do tempo, percebe que precisa modificar suas crenças, uma vez que seu ciúme está atrapalhando a relação. Essa pessoa escolhe, então, terapia, para se compreender. Neste caso, é em-si e para-si, porque é ela que se determina, que escolhe do que fazer de si.

Munidos, então, com tais conceitos hegelianos, pode-se voltar ao que fora dito “*a consciência-de-si é em si e para si quando e por que é em si e para si para uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido.*” (HEGEL, 2016, p. 142).

A filosofia hegeliana é *essencialmente dialética*. É possível compreender a dialética hegeliana, de maneira geral como uma síntese (união) dos opostos. A oposição é superação dos opostos pela síntese. Convém aqui dizer que a palavra “superação” não é, pelo menos não na nossa língua portuguesa, adequada para descrevermos o sentido original que guarda o termo em alemão *Aufhebung*. O sentido deste termo, traduzido em português, como *suprassumir/suspender/superar*, ainda não é suficiente. Portanto, para o melhor entendimento deste conceito é necessário ir à própria obra hegeliana a fim de termos uma compreensão correta acerca do significado de *Aufhebung*: “*Suprassumir apresenta sua dupla significação verdadeira*

que vimos no negativo: é ao mesmo tempo um negar e um conservar.” (2016, p. 94).

Toma-se uma semente: Ela é a tese, a semente dá origem ao fruto (antítese), o fruto dá origem a outra semente (síntese). Portanto, no pensamento de Hegel as dicotomias não são fixas e imutáveis. Tudo está em movimento. Não se separa o sujeito de um lado (idealistas) e o mundo de outro (materialistas), mas há a síntese entre mundo e sujeito.

O sujeito não está só no mundo, não é apenas uma singularidade naufragada no mar da vida. Pelo contrário, está em constante relação com o mundo e com o outro que o circundam. Seu nascimento se dá através do seu colocar-se no mundo físico como contraposição, mas também em colocar-se como outro ante a um (outro) sujeito.

Busca-se neste estudo estabelecer as relações de semelhanças presentes nos pensamentos de Freire e Hegel, uma vez que o primeiro se vale da obra do segundo *direta* ou *indiretamente*. Neste caso, percebem-se os pontos convergentes: 1) o sujeito não está definido desde seu nascimento, antes encontra na história do espírito a gênese de sua formação; 2) a educação é o modo pelo qual o indivíduo chega a compreensão de sua universalidade ou de seu *ser mais*. Analisar tais pontos é um caminho para que se possa pensar a *práxis* educacional como uma prática de liberdade e libertação.

Metodologia

Compreendem-se como procedimento metodológico as leituras e análises bibliográficas concernentes ao tema proposto. Neste

sentido, pela natureza social do objeto de estudo, notada por ele possuir especificidades como: ter um caráter temporal e mutável, por lhe serem atribuídos sentidos social e historicamente, por possuir identidade com o sujeito pesquisador, por ser intrínseca e extrinsecamente ideológico, além de ser essencialmente qualitativo, (LIMA; MIOTO, 2007) optou-se por uma pesquisa de caráter qualitativo, pois é a que melhor embarca questões subjetivas da educação.

Fundamentação teórica

Freire (2014) apresenta a *práxis* educacional como prática libertadora do oprimido em relação ao seu opressor. A condição atual do ser-humano é a condição da negação do *ser* de sua *humanidade*. A negação se faz desumanização na medida em que coloca o oprimido na condição do *ser menos* – isto é, sujeito sem liberdade para transformar seu mundo.

O oprimido o é na presença do seu opressor. Aliás, justamente porque há oprimido que há opressor. Igualmente, só há opressor porque há oprimido. Esta é a relação dialética, onde as oposições não estão separadas, mas compõem uma unidade. No caso, o oprimido contém *dentro* de si o opressor, na medida em que o oprimido se *percebe* como oprimido porque o opressor assim *impõe*. Se assim o é, a condição para a libertação do oprimido passa, *necessariamente*, pelo *reconhecimento* de si como condição *necessária* para a existência do opressor. A *práxis* libertadora começa no momento em que o oprimido se percebe como *agente* no mundo. De fato:

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que ‘hospedam’ o opressor em si, participar da elaboração, como, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram ‘hospedeiros’ do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo (FREIRE, 2014, p. 43).

Contudo, não basta apenas saber o processo, é necessária uma prática libertadora, pois:

Não basta saberem-se numa relação dialética com o opressor – seu contrário antagônico -, descobrindo, por exemplo, que sem eles o opressor não existiria (Hegel), para estarem de fato libertados. É preciso, enfatizemos, que se entreguem à práxis libertadora. (Idem, p. 49).

A educação é *processo* pelo qual o sujeito se liberta da relação opressora a qual tem nela sua condição *ontológica*. Nesse ponto, percebe-se a influência hegeliana no pensamento educacional, uma vez que ideia da consciência de si fundamentada nas relações de encontro com outras consciências é basilar ao pensamento de Hegel, ainda mais no que diz respeito à formação do sujeito propriamente dita. De fato, toda autoconsciência (consciência de si) está, diretamente, relacionada com outras autoconsciências. De fato:

A consciência de si é *em si e para si* quando e porque é em si e para si para uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido [...] o duplo sentido do diferente reside na

[própria] consciência-de-si: [pois tem a essência] de ser infinita, ou de ser imediatamente o contrário da determinidade na qual foi posta. O desdobramento do conceito dessa unidade espiritual, em sua duplicação, nos apresenta o movimento do *reconhecimento* (HEGEL, 2016, p. 142).

Neste momento que se dá dialética do *senhor e do escravo*. Nas relações das autoconsciências o senhor e o escravo se reconhecem mutuamente. São, ao mesmo tempo, a oposição e a união. Só há senhor porque há escravo, e só escravo porque há senhor.

Convém, contudo, dizer que o reconhecimento não é obtido à força ou por meio da violência, antes, é uma *verdadeira reconciliação*. Isto quer dizer, todo reconhecimento *verdadeiro* é mútuo. Quando há a presença da violência ou da força para conseguir o reconhecimento é porque ainda não foi compreendida a essência universal do ser humano, que é ser reconhecido e *livre*. Dizendo de outro modo, aquele que *forçosamente* busca ser reconhecido por outro é porque ainda não entendeu que esse reconhecimento só é possível se ele também reconhecer.

Esse reconhecimento duplo está presente, como já dito, na *dialética* do senhor e do escravo. Na relação entre duas autoconsciências pode haver *lutas*. Isto é, para Hegel cada sujeito quer encontrar sua *verdade*, mas isto só é possível por meio da relação com outras autoconsciências. Contudo, no *desenvolver* da história humana, alguns sujeitos buscaram obter esse reconhecimento por meio da força ao invés de encontrar sua verdade *mutuamente*. O senhor quer ser reconhecido como senhor, mas obtém o *reconhecimento* – não verdadeiro – por meio da luta e da submissão *violenta* do escravo. A

luta – *conflito entre os sujeitos* – pode resultar na morte ou na submissão. Quando o sujeito cede à submissão por temer a morte, há a escravidão. Quando, contudo, o sujeito vence o medo da morte, vem a tornar senhor do senhor. “Portanto, a relação das duas consciências-de-si é determinada de tal modo que elas se *provam* a si mesmas e uma a outra através da luta e da morte”. (HEGEL, 2016, p. 145).

Na linguagem hegeliana, aquele que não *arriscou* a própria vida e acabou escravo, não alcançou a finalidade de sua existência, ser uma autoconsciência de si independente:

Sendo a vida tão essencial quanto a liberdade, a luta termina antes de tudo, como negação *unilateral*, com a desigualdade: [acontece] que um dos lutadores prefere a vida, conserva-se como consciência-de-si singular, mas renuncia a ser ser-reconhecido; enquanto o outro em sua relação a si mesmo e é reconhecido pelo primeiro este é subjugado: [é] a relação do *senhorio e da servidão*. A luta do reconhecimento, e a submissão a um senhor, é o *fenômeno* do qual surgiu a vida em comum dos homens (HEGEL, 2011, p. 204).

Na vida em sociedade há a *determinação* de que quem será a senhora e quem será a escrava. Há casos em que essa luta leva à morte e outros, à situação opressora.

Paulo Freire, como pensador da educação, inicia o seu processo de pensar a educação brasileira a partir da década de 1950. Em um contexto de analfabetismo estrutural, com acelerado processo de urbanização e industrialização, num momento em que votavam

somente os alfabetizados sem um concreto programa de alfabetização da classe trabalhadora. Paulo Freire tem, nesse sentido, um objetivo: alfabetizar a classe trabalhadora. Para isso, em 1963, na cidade de Angicos ele consegue alfabetizar 380 camponeses em poucas semanas. Ao invés de utilizar o método silábico, Paulo Freire parte da leitura do mundo e por meio dela ensina as letras. Disto lança mão da dialética onde o ser do mundo está em relação com os outros seres do mundo, e deste modo, não ensinando somente a compreender a palavras, mas a compreender as relações com o mundo, do ser em si:

E existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modifica-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar* (FREIRE, 2014, p. 108).

O ser-humano é um ser que não está pronto e acabado, antes, em processo de formação e construção constante. Em sua *historicidade* diversas relações de opressão ou libertação se colocam. Manifesta-se a importância da educação como processo de libertação.

Resultados

Desse modo, percebe-se que tanto para Hegel quanto para Freire a superação da relação de opressão se dá: (1) pela tomada de consciência do sujeito oprimido; (2) pela luta deste na busca da sua

libertação que passa pela inversão dialética, onde o escravo se torna senhor do senhor (Hegel) ou o educando se torna educador do educador (Freire).

Partindo deste ponto, na obra *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire traz valorização daquilo que o educando é valorizando seu ser e sua experiência. De tal modo que a docência só é possível havendo discente, assim, para ser professor é necessário ser educando. Essa troca entre professor e aluno permite que o professor aprenda ao mesmo tempo em que ensina.

Ademais, nela Paulo Freire destaca o papel da pesquisa na ação educativa, de modo que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 2002, p. 14).

Destaca-se, ainda, o aspecto da *criticidade*, de modo que no processo de ensinar é necessária a construção da *crítica*, onde no processo crítico se apresenta a superação da condição ontológica do *ser menos*. Assim:

[...] a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica.

Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão. (Freire, 2002, p. 14).

De modo igualmente importante estão os aspectos da estética e da ética, com reflexão crítica sobre a prática, “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. (Freire, 2002, p. 14).

Posto isto, Freire apresenta uma perspectiva pedagógica voltada para a *emancipação* do ser quando este se *reconhece* não como de quem se *adapta*, mas como quem se *insere*. Contudo, presença está em um mundo onde em que há forte presença de um *discurso fatalista* se insere como resistência. (Freire, 2002, p. 60).

Esta inserção se dá contrariando a *ideologia* dominante, e a ideologia para Freire (2002, p. 142) se constitui como uma forma de poder. Onde:

O poder da ideologia me faz pensar nessas manhãs orvalhadas de nevoeiro em que mal vemos o perfil dos ciprestes como sombras que parecem muito mais manchas das sombras mesmas. Sabemos que há algo metido na penumbra, mas não o divisamos bem. A própria ‘miopia’ que nos acomete dificulta a percepção mais clara, mais nítida da sombra. Mais séria ainda é a possibilidade que temos de docilmente aceitar que o que vemos e ouvimos é o que na verdade é, e não a verdade distorcida (FREIRE, 2002, p. 142).

No processo de superação da realidade *aparente* se faz necessário assumir um ponto de partida para além da aparência dos fenômenos, pois enquanto na sua formação o processo de *educabilidade* ocorre de modo a cristalizar a aparência dos fenômenos, na superação pela via da transformação conceitual, onde para superar a consciência no processo de educabilidade não apenas se dispõe a dúvida em relação a própria realidade dos fenômenos e para este fim é imprescindível que haja a radicalização consciente de modo que essa dúvida seja extrapolada e alcance “o desespero” (MANTOVANI, 2011, p. 49).

Assim, a *formação* enquanto processo de *libertação*, onde o oprimido alcança a *libertação da consciência* e assim, não se torna o seu inverso, mas algo além. Na libertação da sua consciência não há mais quem é livre e quem é o oprimido. Nem educando nem educador. De fato, “*e aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores*” (FREIRE, 2014, p. 41).

Na *Pedagogia Crítica* o objetivo é a *autonomia* do indivíduo, onde todos têm condição de ensinar e aprender, sendo a educação um processo de troca e, portanto, essencialmente *dialógico*. Autonomia é ter uma postura crítica diante da realidade onde há o sujeito consciente crítico intervindo criticamente e *eticamente* no mundo. Pela transformação da realidade social. Assim, para Paulo Freire a educação é uma ferramenta de transformação do mundo.

Assim, Paulo Freire no livro *Pedagogia da Autonomia* concebe a prática educativa como *práxis* ética (FREIRE, 2015, p. 17) “*Este pequeno livro se encontra cortado ou permeado em sua totalidade pelo sentido da necessária eticidade que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática educadora*”. Ao educador,

portanto, é inerente sua ação ética. Educar é romper com as forças heterônomas de opressão. Esta é a *responsabilidade ética* do educador, a saber, libertar o educador da heteronomia social e política às quais está preso o educando. Educar é despertar no educador sua “*vocação ontológica para o ser mais*” (FREIRE, 2015, p. 19).

A grande força heterônoma da qual preconiza Freire é a realidade social e histórica. É esta realidade condicionadora do ser, contudo, realidade não *determinista*, isto é, sem espaço para mudanças, mas sim, realidade aberta ao campo das *possibilidades*. História *condiciona*, mas não *determina*. A grande força heterônoma é a realidade de opressão e alienação na qual o educando está inserido, de tal modo que não é possível ler as palavras antes de ler o mundo. Ser heterônomo é ser alienado. Alienação é estar *alheio* às condições de seu trabalho, de seu ser-aí no mundo. Isto é, alienação é: (VÁSQUES, 1977, p. 406 – 407) “*Criação de um objeto no qual o sujeito não se reconhece, e que se lhe antepõe algo alheio e independente, e ao mesmo tempo, como algo dotado de certo poder – de um poder que se volta contra ele*”. Educar é perseguir na dura direção de levar o educando a sair de sua heteronomia para se tornar autônomo no sentido de Freire (2015).

Portanto, no pensamento de Paulo Freire, o conceito de autonomia ganha uma dimensão histórico-social-pedagógica. Ser autônomo é, acima de tudo, ser capaz de modificar sua realidade (FREIRE, 1997). Neste sentido, aqui, a heteronomia são as forças externas ao indivíduo que o inviabiliza o *Ser-mais*. Isto é, há relações de poder e de opressão que marcam a prática educacional.

Logo, pensar a relação entre *autonomia* e a educação formadora é de suma importância. Pois, entende-se a autonomia

como o processo pelo qual o indivíduo pensa por si mesmo. O ser autônomo é o ser capaz de pensar e refletir sobre si, sobre o outro e sobre o mundo intrincados em suas íntimas relações. E, a partir disso, é capaz de *autodeterminação* e de agir em sua realidade, *transformando-a*. Compreender o conceito de autonomia possibilita a formação de indivíduos que agem em sua própria realidade.

Convém esclarecer que agir eticamente no mundo é buscar a realização essencial a todo ser humano, a saber, a liberdade, o *ser mais*. Somente onde há a superação dicotômica oprimido/opressor, educando/educador e etc., há o agir eticamente no mundo. Todos agem naquilo que é o bem comum.

Existindo as situações *históricas e sociais* que culminam nas relações opressoras, em Freire urge a necessidade da exposição aos oprimidos da gênese de suas explorações. Os oprimidos têm *medo* de lutarem por suas liberdades. A pedagogia do oprimido tem, portanto, o objetivo de expor as condições de opressão a fim de engajar os oprimidos na luta para alcançarem a liberdade. Tal é a exposição:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada *com* ele e *não* para ele, enquanto homens ou povos na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 2014, p. 43).

Em Hegel, a superação da relação de opressão senhor/escravo se dá por meio o *trabalho*. O escravo trabalha para o senhor. E nesse processo, é o escravo que se relaciona como o mundo, transformando-o e transformando-se. No processo do trabalho o escravo se percebe. Vê que aquilo que ele fez e produziu é ele mesmo e, portanto, toma consciência de si. A tomada de consciência da situação de escravidão do escravo, tanto em Freire quanto em Hegel, não acontece externamente, mas internamente. Por isso Freire diz que a pedagogia tem que ser feita *com* o oprimido, não *para* ele. E Hegel afirma que a consciência de si só se faz pelo trabalho que o *próprio* escravo realiza.

Mas o sentido da potência absoluta em geral, e em particular o do serviço, é apenas a dissolução *em si*; e embora o temor do senhor seja, sem dúvida, o início da sabedoria, a consciência aí é *para ela mesma*, mas não o é *ser-para-si*, porém encontra-se a si mesma por meio do trabalho [...] O trabalho [...] é desejo *refreado*, um desvanecer *contido*, ou seja, o trabalho forma [...] a consciência trabalhadora, portanto, chega assim à intuição do ser independente, como [intuição] de si mesma (Hegel, 2016, p. 149-150).

No momento da tomada de consciência, em Hegel, há a inversão da relação dialética, pois o senhor se torna escravo e o escravo senhor, pois o oprimido se percebe que é *ele* que transforma o mundo e, portanto, é *ele* quem tem a capacidade de transformar sua realidade conforme seu desejo, pois é independente, isto é, livre.

Mas, como a dominação mostrava em sua essência o inverso do que pretendia ser, assim também a escravidão, ao realizar-se cabalmente, vai tornar-se, de fato, o contrário o que é imediatamente; entrará em si como consciência *recalcada* sobre si mesma e se converterá em verdadeira *independência*. (HEGEL, 2016, p. 149).

Considerações finais

Tanto Paulo Freire quanto Hegel apresentam pontos em comum naquilo que diz respeito às relações entre as autoconsciências, que perpassam muitas vezes, a relação dialética da opressão.

Contudo, mesmo havendo esse ponto em comum, há diferenças. Para Hegel, a libertação e a inversão dialética do escravo se dão pelo *trabalho disciplinado* na modificação do seu mundo. Enquanto para Freire a libertação se dá pela luta e pela prática educacional – prática que liberta o oprimido e o opressor.

Hegel busca romper com a noção de consciência passiva, científica e externa ao mundo e que interage com ele conhecendo-o, uma vez que o sujeito não constrói a natureza, mas a conhece e compreende através da razão. O rompimento acontece na medida em que o mundo externo é resultado da própria consciência. Consciência e mundo não é uma relação estática e fixa, mas uma união dialética. Ambas são formadas mutuamente.

A realidade do mundo exterior é produção da consciência porque ele próprio é manifestação dela. Por exemplo: Um carro qualquer. Embora seja material e resultante de um processo tecnológico utilizado através da razão, é uma manifestação da

consciência humana, manifestação da sua vontade e necessidade. O carro material é a exteriorização da vontade consciente.

Ademais, o mundo não existe só, uma vez que a existência dele se concebe em uma consciência e, de certo modo, é uma produção sua. A cadeira enquanto objeto é um objeto para uma consciência.

Portanto, o conceito hegeliano de formação não pode estar desassociado do *processo* da formação do sujeito presente exposto na *Fenomenologia do Espírito*. Acerca da formação, aqui identificado como processo resultante da educação, Hegel não a compreende como uma parte da Fenomenologia do Espírito, mas como o próprio *espírito*. Isto é, a *formação* do sujeito é, essencialmente, o desenvolver do espírito enquanto tal. A formação não é um *momento* da vida senão que a própria vida.

Hegel, efetivamente, não tem nenhuma obra pedagógica propriamente dita. Embora seu pensamento sistemático abarque a totalidade em *Ciência da Lógica, Filosofia da Natureza e Filosofia do Espírito*, contudo, não há nenhuma obra dedicada exclusivamente a este intento. Todavia, é errôneo também afirmar que Hegel nada escreveu sobre a educação. A temática está presente ao longo de todas as suas obras (GINZO, 1991).

De tal modo, que se pode perceber na *Filosofia do Direito, Lições sobre Filosofia da Religião, Lições sobre Filosofia da História* entre outras, o pensamento pedagógico hegeliano. Enquanto pensador sistemático se reitera que pensar Hegel é pensar a totalidade porquanto é unidade da multiplicidade. Convém dizer houve um momento na biografia em que ele exerceu a função de Conselheiro Escolar, na escola normativa (escola primária). Ao fim de cada curso,

nos anos de 1809, 1810, 1811, 1813, 1815 Hegel proferiu discursos onde o conceito de formação aparece explicitamente muitas vezes. Além desses discursos, encontramos também a carta escrita a seu amigo Niethammer, em 1812. Assim como fragmentos do curso sobre o Direito e os deveres da Religião. Todos esses escritos encontram-se traduzidos e organizados na edição *Escritos Pedagógicos* da Editora Fundo de Cultura Económica.

Educar no pensamento hegeliano e preparar o sujeito para a vida em sociedade na medida em que se busca realizar no homem o preparo para o agir ético, isto, pensando naquilo que será o bem comum:

E no entanto, no domínio mais restrito dos esforços intencionais e das atividades docentes, é possível extrair, da obra de Hegel, os elementos de uma doutrina da educação cuja meta mais nobre consiste em vencer, no plano teórico e no plano prático, a teimosia e os interesses egoístas, para finalmente conduzi-los àquela comunidade do saber e da vontade que é a condição primeira de toda via ética e civilizada (PLEINES, 2010, p. 13).

E dizendo ainda mais:

[...] a tarefa da educação consiste não somente em tomar as medidas necessárias para que o desenvolvimento natural e espiritual transcorra, tanto quanto possível, sem entraves, mas, também, para que a vida individual e comunitária seja conduzida a sua mais elevada perfeição num discurso refletido, num pensamento penetrante e numa ação conforme à razão. Segundo a convicção de Hegel, isso só

seria possível se, de um ponto de vista ao mesmo tempo prático e poético, fossem ultrapassadas a separação psicológica entre a vontade e a razão, assim como a disjunção, imposta pela moral moderna, entre virtudes éticas e dianoéticas. Com efeito, essas duas oposições tendem a destruir a unidade da ação e confinam na incapacidade de reconhecer-se em seus atos e em suas obras. (Idem, p. 15).

De todo modo, ambos os pensadores podem contribuir para pensar a educação como o *caminho* pelo qual o sujeito se torna consciente-de-si no mundo. E, enquanto tal podem cumprir sua vocação ontológica, que é ser livre – ser mais.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 51ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 57ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas, I - A Ciência da Lógica.** Trad. bras. Paulo Meneses e José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas, III - A Filosofia do Espírito.** 2ª ed. Trad. bras. Paulo Meneses e José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HEGEL, G. W. F. **Escritos pedagógicos**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1991.

LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: uma pesquisa bibliográfica. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007.

MANTOVANI, H. J. Hegel e Paulo Freire: Uma Pedagogia Crítico-Dialética. **Rev. Existência e Arte**. São João Del Rei, nº VI, p. 42 – 56, 2011.

PLEINES, J. E. Friedrich Hegel. In: Silvo Rosa Filho (org.). **Coleção Os Educadores**. Recife: Ed Editora Massangana, 2010.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Trad. Luiz Fernando Cardoso. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.